

CONFLITO SIMBÓLICO E VIOLÊNCIA INTERÉTNICA: EUROPEUS E NEGROS NO OESTE PAULISTA, 1888-1914*

*Karl Monsma***

Em outubro de 1891, José Rodrigues de Sampaio, fazendeiro de café no município de São Carlos, no Oeste paulista, ofereceu um jantar aos seus colonos, a maior parte dos quais era italiana, para festejar o fim da colheita. Depois do jantar, os colonos pediram permissão para fazer um baile na tulha da fazenda, e Sampaio acedeu. Vários empregados brasileiros também participaram do jantar e do baile. Zeferino Ferreira Lima, um camarada preto, tinha convidado uma mulher para dançar quando, segundo sua declaração ao delegado, um colono calabrês chamado Antonio Lariago “instou com elle interrogado, para que este largasse da dama e fosse dançar com elle, dito Lariago, ao que elle interrogado respondeu que não fasia isso porque já tinha tirado uma dama, ao que dito Lariago puchando de um revolver, disse: que o interrogado havia de dançar com elle”.¹ Vendo o revólver, os outros fugiram da tulha e chamaram o fazendeiro. Este, com Zeferino ao seu lado, gritou para Antonio se aquietar e abriu a porta. Nesse momento, Antonio atirou, ferindo Zeferino no lado do peito.

Nos inquéritos policiais e processos criminais decorrentes de conflitos violentos entre imigrantes, por um lado, e pretos, mestiços ou caboclos, por outro, encontram-se com certa regularidade situações de sociabilidade e interação amigável que explodem em violência. Para negros – termo usado aqui no sentido atual, designando todos os não brancos e não no sentido pejorativo da época focalizada – aconselhar amigos ou conhecidos europeus

* Trabalho preparado para apresentação na mesa redonda “Relações interétnicas e reconfiguração das identidades no Brasil Republicano”, VII Encontro Estadual de História, Pelotas, RS, julho de 2004.

** Professor Doutor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: karlmonsma@uol.com.br

¹ Fundação Pró-Memória, São Carlos (doravante FPM), Processos Criminais, Caixa 291, sem número, 1891. Na época, era comum homem dançar com homem.

podia ser arriscado. No último dia do carnaval de 1902, João Antonio dos Santos, vulgo João Bragado, jovem trabalhador rural português, que visitava a Fazenda Santa Evangelina, envolveu-se em uma briga com colonos italianos. O preto sexagenário Angelo Antonio dos Santos, morador da fazenda estava, segundo seu relato,

divertindo-se com os colonos quando foi avisado da briga. Conhecendo João Antonio, se dirigiu para o local onde este se achava com o fim de aconselhá-lo a retirar-se, e a certa distancia, o declarante disse a Bragado, se elle estava louco e não sabia que podia ficar criminoso, que ditas estas palavras Bragado deu um tiro de garrucha contra o declarante e como a bala não acertasse em seguida Bragado desfechou segundo tiro que attingiu a perna esquerda do declarante, que o declarante sentindo-se ferido e cahindo disse a Bragado que elle era um malvado em atirar contra o declarante que apenas viera lhe dar conselhos.²

Mesmo encontros aleatórios podiam ser perigosos. No final de 1906, durante uma festa na igreja matriz de São Carlos, o mulato Heitor Rodrigues da Silva e o italiano Gaspar Sabino se esbarraram na porta da igreja. Heitor segurou Gaspar pelo braço, como que para ajudá-lo a recuperar o equilíbrio, e Gaspar se ofendeu. Segundo a declaração de Gaspar, ele respondeu: “patrício eu não sou bêbado nem louco para que me segure.”³ Isso iniciou uma discussão entre os dois, que continuou com troca de insultos no jardim público. Dois italianos, amigos de Heitor, o seguraram, para não brigar. Aproveitando a imobilidade de Heitor, Gaspar o chutou. Com isso, Heitor se soltou e esfaqueou Gaspar nas costas.

A maior parte destas interações explosivas entre europeus e brasileiros não brancos envolvia lutas sobre quem tinha o direito de mandar e quem devia acatar. Quando um negro agredia um imigrante, tipicamente era em resposta a uma atitude de superioridade e autoridade que este havia assumido, sem justificativa. Quando um europeu feria ou matava um afro-brasileiro ou caboclo, geralmente era depois deste ter afirmado sua igualdade e dignidade abertamente, insistindo em trato igual ou até, em alguns casos, mandando em um europeu. Antonio Lariago se enfureceu porque Zeferino tivera a audácia de recusar seu pedido de dançar,

² FPM, Criminais, C. 210, N. 165, 1904.

³ FPM, Criminais, C. 194, N. 107, 1907.

preferindo a mulher que ele, Zeferino, escolhera. João Bragado não aceitou o direito do negro velho interferir na sua briga com os italianos e dar-lhe conselhos. O caso de Heitor Rodrigues da Silva mostra que até atos de cortesia por brasileiros de pele escura podiam ser interpretados como insultos por europeus, porque igualavam as duas partes. Negros, mestiços e caboclos afirmavam a igualdade e imigrantes defendiam sua superioridade.

Também achamos exemplos de solidariedade inter-racial nos inquéritos e processos. No baile descrito acima, por exemplo, colonos italianos agiam rapidamente para isolar Antonio Lariago e proteger o negro que ele tentava intimidar com revólver. Vários colonos italianos foram visitar o preto Angelo Antonio dos Santos durante os trinta ou quarenta dias que ele passou na cama recuperando-se, depois de ser baleado pelo português. Na ausência de um sistema de castas oficial, com o respaldo do Estado, relações entre indivíduos muitas vezes superavam as barreiras de cor e podiam suscitar afeição, solidariedade ou amor.

Entretanto, todos os três maiores grupos de imigrantes no município de São Carlos – italianos, portugueses e espanhóis – mostravam tendências para conflito simbólico com brasileiros negros. Além das tragédias individuais, a violência e ameaças de violência, em conjunto com a preponderância numérica dos imigrantes, produziam um ambiente de intimidação, que coibia a mobilidade, autonomia e ousadia de negros.

Uma briga violenta estimula percepções e interpretações diversas, e muitas vezes divergentes, entre participantes e testemunhas. Não é de surpreender que os acusados e as vítimas contassem histórias interessadas, mas o conteúdo étnico e racial dessas narrativas pode nos ajudar a entender a violência inter-racial. As testemunhas percebiam e interpretavam os conflitos de pontos de vista específicos, definidos principalmente por posição social, identidade étnica ou racial e suas relações pessoais com os indivíduos envolvidos. Na grande maioria dos casos, ninguém alegava que o acusado não havia cometido o crime; o que se contestava na justiça era se a vítima havia provocado o agressor ou não. Nas histórias variadas sobre quem provocou quem, é possível identificar noções européias de comportamentos ultrajantes de negros, e noções afro-brasileiras (ou, às vezes, indígenas) sobre o que constituía ofensas intoleráveis de imigrantes.

Negros e imigrantes em São Paulo após a abolição

Falta diálogo entre a literatura sobre imigrantes em São Paulo e a sobre negros e relações raciais nas primeiras décadas após a abolição. A maior parte dos escritos sobre imigrantes menciona o negro somente como parte do contexto, a abolição aumentando a necessidade para mão de obra nas fazendas de café e a atração do Brasil como país de destino para emigrantes europeus. Embora às vezes reconheça a marginalização do brasileiro pobre, essa literatura focaliza a experiência e as lutas dos imigrantes, especialmente as dificuldades da vida nas fazendas e os conflitos com os fazendeiros.⁴

Boa parte desse desencontro entre as literaturas se deve ao fato de que focalizam períodos distintos. Ao passo que os estudos da imigração em São Paulo priorizam o período pós-abolição, quando chegou a grande massa de imigrantes, os estudos históricos sobre negros se voltam sobretudo para as últimas décadas da escravidão, focalizando as rebeliões e fugas de escravos, o medo das elites, as lutas individuais para a liberdade ou para ampliar as margens de autonomia dentro do sistema, ou ainda a experiência de ingênuos ou de libertos na sociedade escravista.⁵ Com a abolição

⁴ ALVIM, Zuleika M. F. *Brava gente! os italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986; DEAN, Warren. *Rio Claro*. Stanford.: Stanford Univ. Press, 1976; FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 1999; HALL, Michael McDonald. *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914*. Tese de doutorado, Columbia Univ., 1969; HOLLOWAY, Thomas H. *Immigrants on the Land*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 1980; STOLCKE, Verena. *Coffee Planters, Workers and Wives*. New York: St. Martin's, 1988; TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1989; VANGELISTA, Chiara. *Le braccia per la fazenda*. Milano: Franco Angeli, 1982.

⁵ MACHADO, Maria Helena. *O plano e o pânico: Os movimentos sociais na década da abolição*. Rio de Janeiro e São Paulo: Ed. UFRJ/ EDUSP, 1994; AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; ALANIZ, Anna Gicelle García. *Ingênuos e libertos: estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição, 1871-1895*. Campinas: CMU/UNICAMP, 1997. XAVIER, Regina Célia Lima. *A conquista da liberdade: libertos em Campinas na segunda metade do século XIX*. Campinas: CMU/UNICAMP, 1996.

final de 1888, a maior parte desses historiadores, tal como o Estado e os abolicionistas, abandona o liberto.⁶

Alguns estudiosos da condição do negro comparam este com o imigrante. A obra clássica de Florestan Fernandes balizou boa parte do debate sobre a transição da escravidão ao trabalho livre em São Paulo. Trabalhos posteriores criticam a afirmação central de Fernandes que a escravidão, além de deixar um legado de racismo, deixou os libertos anômicos, faltando laços familiares e comunitários sólidos, irresponsáveis e sem disciplina interna, por isso incapazes de competir com imigrantes no mercado de trabalho. Historiadores da escravidão demonstram a força da família escrava e a capacidade da comunidade escrava de negociar e resistir. Celia Azevedo mostra que o imigrantismo vingou entre fazendeiros e outras elites paulistas principalmente por medo da rebeldia e violência dos escravos, não por causa das supostas deficiências de libertos enquanto trabalhadores.⁷

Entretanto, os críticos geralmente não contestam os outros dois aspectos-chaves do argumento de Fernandes a respeito do período pós-abolição: 1) que os empregadores, tanto no campo como na cidade, tinham preconceito contra os negros e lhes discriminavam, quase sempre preferindo o imigrante quando este estava disponível; 2) que os imigrantes substituíram os negros nos setores mais dinâmicos da economia paulista e nas profissões que apresentavam mais oportunidades para a mobilidade social,

⁶ Existem exceções. Além do trabalho de George Reid Andrews discutido abaixo, partes de *A conquista da liberdade*, por Regina Xavier, extrapolam a barreira de 1888; Rebecca J. Scott (“Defining de boundaries of freedom in the world of cane: Cuba, Brazil and Louisiana after emancipation”. *The American Historical Review*, v. 99, n. 1, fev. 1994, pp. 70-102) compara a situação de ex-escravos após a abolição nas regiões açucareiras do Nordeste brasileiro, de Cuba e do estado de Louisiana, EUA.; Cleber da Silva Maciel (*Discriminações raciais: Negros em Campinas (1888-1926)*, 2 ed. Campinas: Centro da Memória-UNICAMP, 1997) fez um levantamento de artigos de jornais sobre negros após a abolição em Campinas. Muitos escritos sobre este período abordam os negros como integrantes de categorias maiores, como “classes populares” ou “trabalhadores nacionais”, o que tende a diluir sua experiência específica e atenuar questões de discriminação racial.

⁷ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978; SLENES, Robert W. *Na senzala, uma flor*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; REIS, João José e SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989; AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco*.

relegando os negros às margens da economia: atividades instáveis, com poucas oportunidades para a formação de pecúlio, como o trabalho ocasional ou empregos que implicavam a dependência pessoal, como o serviço doméstico. Na versão de Fernandes, a substituição do negro pelo imigrante resultou de uma combinação do despreparo e da indisciplina daquele com o preconceito das elites. Para outros estudiosos, como Carlos Hasenbalg, foi principalmente consequência da discriminação.⁸ George Reid Andrews, um dos poucos historiadores a criticar Fernandes a partir de pesquisa sobre o período pós-abolição, que é central para o argumento deste, apresenta evidências que os negros podiam competir com os imigrantes, mas perderam espaço principalmente porque eram mais exigentes nas suas negociações com fazendeiros e outros empregadores, sobretudo no que diz respeito ao trabalho de mulheres e crianças.⁹

Mesmo os autores que comparam negros e imigrantes raramente abordam as relações cotidianas entre eles.¹⁰ O destino dos dois lados não dependia somente dos preconceitos das elites ou da competição com desconhecidos, mas também da interação face a face entre eles, que podia aumentar ou limitar oportunidades, ambições, solidariedades, tensões e medos.

Precisamos matizar a idéia de que os negros foram totalmente marginalizados nas regiões cafeeiras dinâmicas do Oeste paulista. Havia tendências estatísticas para a discriminação e a marginalização, mas não havia nenhuma lei ou regra que barrasse o acesso de indivíduos negros às ocupações mais estáveis e rentáveis, como o colonato ou os ofícios especializados. Por outro lado, havia muitos imigrantes nos níveis mais baixos da estrutura ocupacional, entre os camaradas nas fazendas ou os jornaleiros urbanos. Os negros esperavam ser tratados com dignidade em parte

⁸ HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

⁹ ANDREWS, George Reid. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Madison: Univ. of Wisconsin Press, 1991.

¹⁰ Veja também BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*, 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1978. KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. SLENES, Robert W. 1997. "Senhores e subalternos no oeste paulista." In ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.) *História da vida privada no Brasil 2, Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras.

porque eles cumpriam as mesmas funções que brancos, e os imigrantes se sentiam ameaçados pelos negros – ou mais precisamente, pela possibilidade de serem tratados como negros - em grande parte porque, fora das elites, não havia segregação ocupacional.

Imigração e mudança na população de São Carlos

Como consequência da abolição, da expansão das fazendas de café e, sobretudo, da imigração em massa, a população de São Carlos cresceu rapidamente e sofreu mudanças radicais na sua composição. A tabela 1 demonstra o grau de mudança entre o censo provincial de 1886 e o censo municipal de 1907. Em 1886, pretos, pardos e caboclos constituíam 55% da população total de 16.104 pessoas. 2.982 dos pretos e pardos estavam escravizados, e outros 1.277 eram “ingênuos”, filhos livres de mães escravas. Dito de outra maneira, pelo menos 71,6% dos pretos e pardos do município em 1886 eram escravos ou haviam experimentado a vida de escravos. Esta estimativa é baixa, porque um número desconhecido de outros eram libertos. A alta proporção de escravos e filhos de escravos reflete a condição de São Carlos naquela época, como próspera fronteira de expansão da cafeicultura, onde os fazendeiros relutavam em libertar seus escravos até a véspera da abolição. Havia 2.051 estrangeiros no município em 1886, a metade deles italianos.

TABELA 1 - MUDANÇAS NA POPULAÇÃO DE SÃO CARLOS, 1886-1907

Grupo	1886		1907	
	%	número	%	número
Pretos ¹	24,8	3.993	9,9	3.815
Mestiços ²	12,2	1.957	2,6	1.000
Caboclos	18,0	2.906	-- ³	----
Branco brasileiros	32,3	5.209	48,1	18.579
Italianos	6,5	1.050	29,3	11.316
Portugueses	2,9	464	4,3	1.644
Espanhóis	0,7	117	4,3	1.662
Alemães	2,3	371	0,5	210
Outros imigrantes	0,2	37	1,1	415
Total	99,9*	16.104	100,1*	38.641

Fontes: BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo (Org.). *São Paulo do Passado*, vol. IV, *Dados demográficos 1886*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 1999, pp.40, 54; Censo Municipal de 1907, Fundação Pró-Memória de São Carlos.

*Não soma exatamente 100 devido ao arredondamento.

¹Inclui um pequeno número de escravos e libertos nascidos na África.

²Pardo (1886) e mulato (1907)

³O censo de 1907 não inclui a categoria “caboclo”. Os integrantes deste grupo provavelmente foram classificados como brancos ou mulatos.

Até 1907, a proporção de brancos na população local aumentara dramaticamente, devido, sobretudo, à imigração massiva. Entre 1887 e 1902, São Carlos sempre foi um dos municípios que mais atraía estrangeiros da Hospedaria dos Imigrantes na cidade de São Paulo, chegando a ocupar o primeiro lugar em 1894 e o segundo em 1895.¹¹ Nas duas décadas entre o censo provincial de 1886 e o censo municipal de 1907, o número de italianos em São Carlos aumentou dez vezes, e o número de outros estrangeiros cresceu quatro vezes, ao passo que a população não branca diminuiu.¹² Os 15.247 estrangeiros enumerados em 1907 constituíram aproximadamente 40% da população total. Esta

¹¹ TRUZZI, Oswaldo. *Café e indústria: São Carlos 1850-1950*. São Carlos: EDUFSCar, 2000, p. 58.

¹² É difícil avaliar o grau de redução porque o censo de 1907 não incluiu a categoria “caboclo”.

percentagem subestima a presença imigrante, porque os filhos de estrangeiros nascidos no Brasil foram contados como brasileiros. Em 1907, 67,1% dos chefes de família eram imigrantes e a metade das famílias no município era chefiada por italianos.

Em 1907, havia sete brancos para cada preto ou mulato (as duas categorias não brancas usadas neste censo). A população negra vivia dispersa em todo o município, constituindo 14% da população urbana e 12% da rural, o que aumentava as chances de interação com brancos na vida cotidiana. Muitos trabalhavam nas fazendas, onde os imigrantes se concentravam. Em 1899, o Clube da Lavoura de São Carlos coletou dados de todos os fazendeiros do município sobre terras, produção, custos e mão-de-obra. A tabela 2 apresenta os dados sobre a composição da força de trabalho. A grande maioria dos trabalhadores nas fazendas de café era imigrante. Os italianos sozinhos constituíram dois terços, e outros estrangeiros contribuíram outro quinto. Contudo, a preponderância de europeus nas fazendas não os isolava do contato com afro-brasileiros. Negros ainda formavam o terceiro maior grupo, um pouco atrás dos espanhóis, sendo quase 8% dos trabalhadores.

TABELA 2 - COR E NACIONALIDADE DE TRABALHADORES NAS FAZENDAS DE SÃO CARLOS, 1899

Grupo	Número	Percentagem
Brasileiros pretos*	1.242	7,9
Brasileiros brancos	1.028	6,6
Italianos	10.396	66,3
Espanhóis	1.356	8,6
Portugueses	886	5,6
Austríacos	447	2,8
Alemães	211	1,3
Poloneses	119	0,8
Franceses	3	0,0
Total	15.688	99,9**

Fonte: “Estatística Agrícola do Município de S. Carlos do Pinhal organizada pelo Club da Lavoura, 1899.” *Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo*, v. 15, n. 161 (julho, 1940), p. 1020.

*O Clube da Lavoura não incluiu categorias intermediárias entre preto e branco; supõe-se que a maior parte dos mestiços foi classificada como “preta”.

**Não soma a 100 devido ao arredondamento.

Imigrantes e negros se misturavam nas profissões manuais. A tabela 3 mostra a distribuição das profissões dos chefes de família masculinos dos vários grupos de cor e nacionalidade. Fica evidente nesta tabela que os negros eram quase totalmente excluídos do comércio, das profissões escolarizadas e do funcionalismo público. É improvável que os poucos indivíduos pretos ou mulatos nestas categorias pertencessem à elite da cidade. A categoria “comerciante” não distingue entre grandes negociantes, por um lado, e quitandeiros e vendedores ambulantes, por outro. Não havia nenhum negro nas profissões escolarizadas e o único funcionário público preto era um agente do correio. Ao passo que o funcionalismo e as profissões escolarizadas – incluindo aqui não somente profissionais liberais, mas também outras que exigiam principalmente trabalho mental, como professores, guarda-livros e padres – eram redutos de brasileiros brancos, havia números significativos de comerciantes italianos e portugueses. De fato, entre os homens chefes de família, havia três vezes mais comerciantes italianos que comerciantes brasileiros.

TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL DOS HOMENS CHEFES DE FAMÍLIA DE SÃO CARLOS EM 1907, POR COR E NACIONALIDADE (EM PERCENTAGENS)

Profissão	BRASILEIROS			IMIGRANTES			
	Pretos	Mulatos	Branços	Ital.	Port.	Esp.	Outros
Camarada	26,1	27,1	8,8	5,2	8,3	5,3	5,6
Empreiteiro	43,5	31,3	21,8	66,4	44,7	72,4	43,3
Colono	0,8	1,8	1,3	0,5	1,6	0,0	0,6
Diretor/feitor	0,2	0,6	0,4	0,3	1,4	0,2	1,1
Administrador	0,5	1,2	6,4	0,4	0,8	1,0	0,0
Lavrador	7,5	9,6	27,7	5,4	10,1	4,1	6,7
Outro rural	3,8	4,2	1,6	0,8	1,6	0,2	3,4
Carroceiro/cocheiro	5,8	1,8	2,1	2,2	2,1	1,0	0,6
Trabalhador/ soldado/serv. dom	2,2	4,2	3,5	1,3	2,3	1,0	0,6
Operário/ferroviário	0,8	1,8	3,9	0,6	8,0	3,6	1,1
Artesão/serv. especializado	6,1	13,3	7,0	10,5	7,8	6,5	14,6
Outro empreg. urbano	2,4	1,8	4,4	0,9	3,7	0,2	0,0
Comerciante	0,3	1,2	4,7	5,0	7,2	3,9	20,8
Prof. escolariz./Func. público	0,2	0,0	6,4	0,4	0,6	0,5	1,7
Total*	100,2	99,9	100,0	99,9	100,2	99,9	100,1
Número de casos	637	166	1117	3255	515	413	178

Fonte: Censo municipal de 1907, Fundação Pró-Memória de São Carlos.

*Não somam, necessariamente, exatamente 100 devido ao arredondamento.

Sabemos, dos jornais locais e dos autos penais, que vários dos comerciantes estrangeiros eram abastados e gozavam de certa influência local, mesmo não sendo aceitos como parte da elite brasileira.

Membros da elite imigrante podiam ajudar na defesa dos interesses de seus compatriotas pobres, ao passo que, quase duas décadas após a abolição, ainda não existia uma elite negra em São Carlos para defender os interesses dos outros negros (e, obviamente, tampouco existiam cônsules negros para representar o grupo perante o Estado), o que aumentava a vulnerabilidade dos negros pobres e sua dependência dos fazendeiros e dos outros ricos, em um país onde quase tudo dependia, e depende, das redes de relações pessoais e da proteção dos poderosos. Mesmo os espanhóis, altamente concentrados no colonato, tinham alguns comerciantes na cidade, e a correspondência do chefe de polícia de São Paulo mostra que os colonos espanhóis recorriam com frequência ao cônsul espanhol para tentar coibir os desmandos e abusos que sofriam.¹³ Interferiam também, nas chances de mobilidade social e nas de se protegerem sem recorrer a brancos, as baixas taxas de alfabetização dos negros. Em 1907, entre os homens chefes de família, somente 15,5% dos pretos e 28,9% dos mulatos eram alfabetizados, ao passo que as percentagens estavam entre 45% e 50% para italianos, espanhóis e portugueses.

A categoria “lavrador”, usada nesse censo, é inútil para identificar fazendeiros, porque parece incluir todos que lavravam a terra e não eram contratados como colonos ou camaradas. Grandes fazendeiros, sitianteiros, posseiros estão classificados juntos. Nunca vi referência a um grande fazendeiro preto ou mestiço em São Carlos nas primeiras décadas após a abolição, mas já havia pelo menos um italiano e alguns portugueses e alemães, ou filhos de alemães, entre os grandes cafeicultores, e vários outros imigrantes com fazendas médias ou pequenas. Fica claro, nos autos penais, que alguns negros eram pequenos agricultores; ou seja, não eram totalmente excluídos do acesso independente à terra, mas não é possível, sem pesquisar outras fontes, saber a proporção de negros com terra.

¹³ Arquivo do Estado de São Paulo, Polícia, várias latas.

Entre as outras profissões rurais em 1907, é notável a presença de um número limitado de pretos e mulatos em posições de autoridade nas fazendas (cinco administradores, um ajudante de administrador e um feitor). Alguns podem ser administradores de pequenas fazendas ou feitores de turmas de negros, mas os processos criminais deixam claro que havia negros que mandavam em colonos e camaradas europeus. Pelo menos um era administrador de uma fazenda grande, e estava dirigindo uma turma de colonos italianos e brasileiros na manutenção de uma estrada quando brigou com o administrador branco de outra fazenda.¹⁴ Provavelmente custou aos europeus aceitar a autoridade de negros. Um colono espanhol, preso por ameaçar com pistola o gerente (branco) da fazenda, fez questão de informar o delegado que a briga começara quando ele, estando doente, faltou ao trabalho e foi multado por um diretor de colonos *preto*, como se a cor do diretor fosse evidência da injustiça que sofrera.¹⁵

Existe um estereótipo, amplamente difundido na literatura, segundo o qual os imigrantes monopolizaram os contratos familiares de colonato, com sua mistura de remuneração fixa pelo trato anual de certo número de cafeeiros, remuneração variável, dependendo da quantidade de café colhida, e o direito de plantar gêneros, ao passo que os negros só trabalhavam nas fazendas como camaradas, empregados individuais assalariados. Mas o censo municipal de 1907 mostra que, embora as famílias italianas e, sobretudo, espanholas, se concentrassem mais no colonato, 43,5% das famílias com chefe masculino preto e 30% das com chefe mulato eram colonos, sendo esta a categoria ocupacional mais comum para as famílias de ambos esses grupos. Havia muito mais colonos europeus principalmente porque havia muito mais europeus, sobretudo italianos, no município, mas também existiam muitos colonos negros. Somando pretos e mulatos, as 329 famílias de colonos com chefe negro (e masculino) eram mais que as 299 famílias de colonos espanhóis ou as 230 famílias de colonos portugueses. Poucas famílias conseguiram contratos de empreitada (formação de novos cafezais), potencialmente bem mais lucrativos, mas a proporção de famílias negras com este tipo de contrato era

¹⁴ MEDEIROS, Simone. *Resistência e rebeldia nas fazendas de café de São Carlos – 1888 a 1914*. Dissertação de Mestrado, UFSCar, 2004, pp. 87-90.

¹⁵ FPM, Criminais, C. 228, No. 69, 1897, Diego Infante.

mais ou menos igual à proporção de famílias européias. Havia, é verdade, certa concentração de pretos e mulatos entre os camaradas, mas também havia muitos camaradas italianos e portugueses. A tabela subestima o número de camaradas europeus porque não inclui trabalhadores solteiros ou desacompanhados, enquanto muitos italianos meridionais e portugueses imigraram a São Paulo sozinhos e boa parte deles trabalhava como camaradas nas fazendas.¹⁶

Coerente com a literatura histórica, os negros de São Carlos se concentravam no setor dos transportes rurais e urbanos, como carroceiros ou cocheiros, ocupações que permitiam ganhar a vida com certo grau de autonomia. Mas também havia muitos italianos nesse ramo. Mulatos e italianos exibiam uma tendência maior que os outros grupos de serem artífices ou de fornecer serviços manuais especializados. A única categoria de trabalho manual sem a presença significativa de negros era a de operários e ferroviários. A grande maioria dos 130 chefes de família nessa categoria era empregada pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que, nas décadas subseqüentes, seria fonte de emprego estável e digno para muitos negros no interior paulista, mas nessa época em São Carlos ainda era reduto de portugueses e brasileiros brancos.¹⁷

O ponto mais importante aqui, para entender as tensões entre negros e europeus, é que estes, com a exceção parcial dos ferroviários, não gozavam de nenhuma reserva de mercado nas profissões manuais e encontravam negros em todos os níveis da estrutura ocupacional fora da elite. Em muitos casos, negros e imigrantes cumpriam as mesmas funções; em outros, desenvolviam atividades com níveis parecidos de renda e respeitabilidade. Nessas circunstâncias, e levando em consideração a dispersão dos negros por todo o município, um imigrante facilmente encontraria negros com posições de classe iguais ou superiores à dele.

¹⁶ ALVIM, Zuleika M. F. *Brava gente!*; CONCEIÇÃO, Silvano da. *Imigração e casamentos: o caso de São Carlos (1890 a 1939)*. Diss. de Mestrado, UFSCar, 2004, p. 62.

¹⁷ PEREIRA, Flávia Alessandra de Souza. *Poder local e representação política: negros e imigrantes no interior paulista* (um estudo sobre o município de Rio Claro). Diss. de Mestrado, UFSCar, 2004.

Formas de competição

A competição econômica inter-racial não era aguda porque havia relativamente pouco desemprego em São Carlos no período focalizado, especialmente na primeira década após a abolição, mas tal competição podia surgir em casos individuais. Em 1892, por exemplo, um balseiro pardo iniciou um tiroteio com um português, dono de uma venda, quando este disse que poria uma balsa no mesmo rio.¹⁸

A natureza das brigas inter-raciais sugere que a competição entre homens por mulheres era mais intensa que a competição econômica. Isso se explica pelo excedente de homens europeus, devido ao número destes que migraram sozinhos. Em 1907, havia 1,7 solteiros italianos em São Carlos para cada solteira italiana. Os índices equivalentes eram 1,3 para espanhóis e 2,2 para portugueses. O objeto da desavença quase sempre era uma mulher preta ou mestiça. Em 1901, o preto Cláudio Antonio dos Santos brigou com um toureador espanhol, conhecido como Sem Medo, e deu-lhe uma cacetada na cabeça porque a amásia mulata de Cláudio o abandonara e namorava o espanhol.¹⁹ Neste contexto, muitas mulheres tinham a oportunidade de escolher entre parceiros, e Gertrudes Francisca de Paula, cozinheira preta de 50 anos, estava com dificuldade para decidir. Ela fora amásia de Manoel Baptista, jornalista preto de 60 anos, mas o abandonara para morar com Narciso Dias da Silva, pintor português de 36 anos, deixando-o depois para se juntar com Manoel de novo. Nesse vai e vem, os dois homens se provocaram verbalmente algumas vezes, mas a tensão culminou com uma luta corporal no meio da rua e o esfaqueamento do negro pelo português.²⁰

De maneira geral, porém, mesmo os incidentes violentos que se originavam em desentendimentos a respeito de assuntos materiais, como dívidas ou a competição por mulheres, fregueses ou empregos, intensificavam-se porque europeus reivindicavam a precedência ou teimavam em mandar e brasileiros não brancos se recusavam a acatar ou se humilhar.

¹⁸ FPM, Criminais, C. 255, sem número, 1892, José Dias Cavalheiro. O pardo morreu mais tarde em consequência de um tiro.

¹⁹ FPM, Criminais, C. 233, sem número, 1901.

²⁰ FPM, Criminais, C. 248, sem número, 1910, Narciso Dias da Silva.

Imigrantes europeus enfrentavam fazendeiros e outras elites locais que os viam, sobretudo, como mão-de-obra barata. As tendências despóticas de muitos fazendeiros e administradores de fazendas, que se negavam a deixar os colonos se demitirem no meio dos contratos, impunham regras paternalistas, portavam relhos e usavam a violência e a intimidação para impor respeito, lembravam a escravidão.²¹ Nas cidades, trabalhadores imigrantes, especialmente os italianos, sofriam tratamento parecido por parte da polícia, que os espancava e roubava.²² Ao mesmo tempo, a ideologia racial predominante afirmava a superioridade de europeus sobre negros e pardos. Certamente imigrantes — substitutos de escravos, mas também membros da “raça superior” — percebiam as atitudes contraditórias das elites locais, podiam observar como brasileiros brancos tratavam seus compatriotas pretos e mulatos, e logo aprenderam a importância de manter as distinções de cor. Negros, por outro lado, não queriam ser subordinados ou rebaixados por causa da sua cor. Já muitos europeus, precisamente porque sua própria condição muitas vezes estava perigosamente perto da dos negros, sentiam as reivindicações de pretos e mestiços por respeito e igualdade no trato como ameaças irritantes à sua identidade e honra. Imigrantes e negros competiam, sobretudo, por capital simbólico.²³

Provocações simbólicas

Ao fim de maio de 1895, Anastácio Cosme, pedreiro preto de 21 anos, construía uma calçada na cidade de São Carlos quando dois mascates italianos tentaram passar pelas pedras recém assentadas, provocando um conflito que resultou na morte de um dos mascates.²⁴ Conforme a declaração de Anastácio ao delegado,

²¹ MONSMA, Karl, e MEDEIROS, Simone. “Classe, etnia e violência nas fazendas de café do Oeste paulista, 1888-1914.” Paper apresentado no *VI Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia Rural*, Porto Alegre, 2002.

²² MONSMA, Karl, TRUZZI, Oswaldo e CONCEIÇÃO, Silvano da. “Solidariedade étnica, poder local e banditismo: uma quadrilha calabresa no Oeste Paulista, 1895-1898”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* v. 18, n. 53 (out., 2003), pp. 86-88.

²³ Sobre o capital simbólico e sua importância para a identidade social, cf. BOURDIEU, Pierre, *Méditations pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 1997, especialmente capítulo 6.

²⁴ FPM, Criminais, C. 286, No. 37, 1895.

Vendo que [os mascates] querião passar pelo lugar do serviço, disse ao primeiro que agora sabe chamar-se Jorge Muzzi que não passasse por ali porque as pedras não estavam bem assentadas e podião deslocar-se causando-lhes assim prejuizo. O italiano sahio para o meio da rua, virou-se para elle interrogado e perguntou-lhe se era Juiz de Direito. Respondeu-lhe o interrogado que não era Juiz de Direito, mas que elle não passasse porque desmancharia o serviço. O italiano disse então que o interrogado não era christão e sim negro burro que se o serviço fosse desmanchado elle que o fizesse de novo como sua obrigação e que passaria pelo lugar não tendo medo de cem homens como o interrogado. Em seguida ameaçou o interrogado com um metro que trazia na mão e começou a descer os bahús que trasia. Quando elle acabou de descarregar-se, o interrogado deu-lhe uma pancada com a régua de que se servia, o italiano cahio, virou um pouco e ficou na posição de quem se achava sentado e dessa posição não sahio.

O italiano, golpeado na têmpera, morreu na hora e seu companheiro fugiu.

Esta tragédia é emblemática das tensões e rancores que negros e imigrantes pobres sentiam quando se enfrentavam nos anos após a abolição. O mascate italiano, tão pobre que não podia comprar um jumento, tendo de carregar suas mercadorias nas costas, era orgulhoso demais para aceitar ordens de um preto, e reivindicou a distinção ao chamar Anastácio de “negro” - na época, um insulto aviltante – e ao afirmar que negros não podiam ser cristãos (e, portanto, não eram honrados e dignos de respeito) e que eram burros. O jovem pedreiro, tentando proteger seu serviço e insistindo em ser tratado com decência foi enfurecido pelos insultos e a negação de sua dignidade humana.

Os inquéritos e processos sugerem que, nas suas interações cotidianas, europeus e brasileiros não brancos muitas vezes travavam lutas de classificação.²⁵ Os negros negavam a significância hierárquica da cor e insistiam em se classificar da mesma maneira que os europeus — como trabalhadores, cristãos, homens ou mulheres, pais ou filhos, ou simplesmente como seres humanos. Os imigrantes, por outro lado, tendiam a perceber a cor como um esquema matriz de categorização, prevalecendo sobre todos os outros, e de enfatizar suas associações hierárquicas,

²⁵ BOURDIEU, Pierre. “Espace social et pouvoir symbolique”, In: BOURDIEU, Pierre. *Choses dites*. Paris: Éditions de Minuit, 1987.

ligando a pele escura com características negativas como estupidez, paganismo, preguiça ou alcoolismo. Princípios alternativos de classificação social, tais como classe social, profissão, idade, gênero, escolarização ou cidadania, teriam colocado muitos europeus nas mesmas categorias dos negros que encontravam na vida cotidiana, ou até favorecido estes. Portanto europeus, especialmente europeus pobres, afirmavam a importância fundamental da cor.

A natureza dos insultos fornece pistas sobre os interesses simbólicos em jogo. Em vez do simples “filho da puta”, ubíquo nas brigas entre brancos de mais ou menos o mesmo nível social, os insultos inter-raciais se diversificavam. Em um caso mencionado acima, o português Narciso, motivado por ciúmes da preta Gertrudes, provocou o preto Manoel Baptista para a briga chamando-o, segundo testemunhos, de “negro” e “desgraçado”, e “dizendo que lhe queria beber o sangue”.²⁶ Quando um negro ameaçou surrar a cachorra de um português, que avançara nele, o português chamou este e os outros negros que o acompanhavam de “macacos”.²⁷ Esses insultos, que irrompiam dos europeus no calor das brigas inter-raciais, sem que eles pensassem, visavam manter os negros no seu lugar.

Alguns negros, por sua parte, desinflatam os europeus que mandavam neles pelo uso do diminutivo. Um colono negro, achando sua família prejudicada por um diretor de colonos português na demarcação das fileiras de café onde cada família devia colher, disse a este, na discussão que levou ao baleamento do negro, “vá embora d’aqui, seu portuguezinho”.²⁸ Quando um diretor espanhol dispensou os serviços, no conserto de uma estrada, de Agenor de França, jovem colono preto, por este ter feito um intervalo para tomar pinga, Agenor o chamou, na sua versão, de “hespanholinho a toa” (ou, segundo uma testemunha, “hespanholinho a toa de merda”) e disse que o espanhol estava “cantando prosa”. Com isso, este atirou em Agenor.²⁹ Quando Saverio Guzzi, italiano e administrador de uma fazenda, encontrou o camarada preto Matheus discutindo com o pai da moça que o preto pretendia visitar,

²⁶ FPM, Criminais, C. 248, sem número, 1910, Narciso Dias da Silva.

²⁷ FPM, Criminais, C. 223, No. 535, 1912, Francisco Rodrigues e Benedicto Barboza. Os negros retrucaram que o português era “burro”.

²⁸ MEDEIROS, Op. cit., p. 85.

²⁹ FPM, Criminais, C. 175, No. 443, 1913, Antonio Colodro Lourente.

o administrador mandou, segundo uma testemunha: “cale a bôca, senão você apanha”, mas Matheus retrucou: “você é baixo para mandar me calar a bôca”. O italiano foi buscar um chicote e começou a surrar o preto, que recusou o castigo e deu em Saverio uma pancada no braço com um pau. Este respondeu tirando uma garrucha e matando Matheus.³⁰ Nestes e vários outros casos, europeus usavam pistolas para defender sua superioridade contra as ameaças de negros armados com facões, paus ou simplesmente com palavras.

A vulnerabilidade física dos negros

A preponderância demográfica dos europeus e sua familiaridade maior com armas de fogo aumentavam a vulnerabilidade de negros. A tabela 4 apresenta as razões de vitimização nas brigas entre integrantes dos vários grupos. O número total de brigas entre negros e europeus era relativamente grande: havia bem mais brasileiros brancos que negros no município, mas o número de vítimas em brigas entre estes e imigrantes era mais ou menos igual ao número de vítimas em conflitos entre brasileiros brancos e imigrantes. Todos os grupos brancos agrediam negros mais do que foram agredidos por estes. A tabela sugere que os imigrantes aprenderam dos brasileiros brancos a desprezar negros, mas eram mais violentos ainda nos conflitos com estes. Havia duas vezes mais negros agredidos por brasileiros brancos que o número destes agredido por negros, mas a razão sobe a quase três nos casos de violência entre italianos e negros, e a quatro nos conflitos entre portugueses e negros. A razão é mais equilibrada para conflitos entre negros e espanhóis, que eram notavelmente mais pacíficos que os outros grupos demográficos em São Carlos, provavelmente por incluir uma proporção menor de homens jovens e solteiros.

³⁰ FPM, Criminais, C. 464, sem número, 1902.

TABELA 4 - RAZÕES DE VITIMIZAÇÃO (A/B) NOS CASOS DE HOMICÍDIO, AGRESSÕES FÍSICAS E TENTATIVAS DE AGRESSÃO, SÃO CARLOS, 1889-1914 (NÚMERO DE VÍTIMAS ENTRE PARÊNTESES)¹

	GRUPO A		GRUPO B		
	Bras.Branco	Italianos	Portug.	Espanhóis	Outros Imigrantes
Negros ²	2.1 (99)	2.8 (69)	4.0 (25)	1.5 (10)	1.8 (11)
Brasileiros brancos		1.5 (71)	0.6 (16)	0.6 (11)	0.6 (14)
Italianos			0.5 (17)	0.3 (17)	1.0 (24)
Portugueses				3.0 (4)	0.0 (0)
Espanhóis					0.0

N=794 (incluindo vítimas agredidas por outros do mesmo grupo racial ou étnico). Casos ponderados para somar ao número de vítimas.

Fonte: Inquéritos policiais e processos criminais de São Carlos, Fundação Pró-Memória de São Carlos.

¹ Razão de vitimização a/b é definida como o número de vítimas do grupo "a" agredidas por integrantes do grupo "b", dividido pelo número de vítimas do grupo "b" agredidas por integrantes do grupo "a". A tabela exclui simples ameaças de violência e casos de violência sexual (difíceis de distinguir de "defloramentos" e "raptos" consensuais sem a leitura do processo inteiro). Os filhos de imigrantes estão classificados por etnia.

² Inclui pretos, morenos, pardos, mulatos, caboclos e indivíduos identificados como "provavelmente negros", porque nasceram no Nordeste ou são referidos somente por nome próprio, sem sobrenome.

Os números muito maiores de imigrantes, sobretudo de italianos, favoreciam a violência grupal contra brasileiros não brancos. Vários desses incidentes envolviam grupos familiares, como os dois irmãos portugueses que deram várias cacetadas em um preto velho, quando este lhes admoestava por cortar pedaços de cana de seu quintal, ou os três irmãos italianos que seguravam um preto enquanto outro italiano o esfaqueava por ter recusado a servir-lhes mais vinho.³¹ Em outros casos, grupos maiores de europeus agrediram negros. Em 1904, vários colonos italianos, homens e mulheres, espancaram um camarada preto de outra fazenda a

³¹ FPM, Criminais, C. 217, No. 397, 1912, Francisco e Antonio Rodrigues; FPM, Criminais, C. 262, sem número, 1894, Luiz Leme, José Leme, Fernando Leme, Domingos de Credico, Domingos Paiaroni, Giuseppe Paiaroni. O preto estava ajudando um amigo branco a fechar sua venda.

pauladas e pedradas simplesmente por entrar na sua colônia.³² No mesmo ano, entre 50 e 80 colonos e camaradas, a maior parte deles italianos, liderados por um português, espancaram dois pretos que ameaçaram o dono de uma venda rural, italiano, e o administrador de uma fazenda, espanhol, levando à morte de uma das vítimas.³³

Conclusão

Uma das conseqüências mais importantes da violência discutida aqui era o ambiente de intimidação resultante, em que imigrantes e brasileiros brancos tentavam impor suas vontades aos pretos, mestiços e caboclos mediante ameaças explícitas ou implícitas de violência física. Desconfio que a intimidação acautelava os negros, restringia sua liberdade de deslocamento e fortalecia os laços de dependência de negros e pardos para com fazendeiros e outras elites brancas locais, o que, por sua vez, impedia a ação coletiva em defesa dos interesses do grupo. Do lado dos imigrantes europeus, o conflito simbólico com brasileiros pretos, mulatos e caboclos fomentou uma identidade branca, que provavelmente contribuiu para o esmorecimento, nas gerações subseqüentes, das fronteiras entre as etnias européias no Oeste paulista.

Outro ponto importante, que não tenho espaço para desenvolver aqui, é que a elite brasileira local pouco se preocupava em promover a unidade branca contra os negros. Nos autos penais, as testemunhas da elite não manifestavam nenhuma tendência sistemática de defender europeus que agrediam negros, muitas vezes sustentando a versão dos negros, e, nos julgamentos, as taxas de condenação mostram que os júris não eram mais complacentes com os réus nestes casos.³⁴ Isso não quer dizer que os escravocratas milagrosamente esqueceram de seu preconceito racial no dia da abolição: os inquéritos e processos decorrentes de conflitos entre estes e negros nas duas décadas seguintes incluem muitos exemplos de desmandos e tratos aviltantes e os imigrantes aprenderam a desprezar os negros, sobretudo, com os fazendeiros

³² FPM, Criminais, C. 289, No. 11, 1904, Bernardo Bartolomeu, Donato Sotomano, Rocco di Grosso, Antonio Calesimo, Simão Joaquim de Assis.

³³ FPM, Criminais, C.309, No. 3797/1310, 1904.

³⁴ Apresenta-se estas evidências de forma mais detalhada em MONSMA, Karl. "Symbolic conflicts, deadly consequences: violence between Italians and blacks in western São Paulo, 1888-1914". Paper apresentado no *XXIV International Congress of the Latin American Studies Association*, Dallas, EUA, 2003.

e administradores. Entretanto, uma vez que a abolição afastou a ameaça da rebelião escrava, os “coronéis” não se solidarizavam com brancos pobres porque não precisavam do apoio destes - e muito menos de estrangeiros que nem votavam - para manter seu poder econômico e político, e temiam a violência, os distúrbios, a sabotagem e as greves de imigrantes. O fato de que imigrantes não podiam contar com a tolerância ou ajuda de elites locais para ataques racistas, limitava o conflito entre imigrantes e negros a tensões cotidianas, disputas de nomeação e violência interpessoal, com irrupções espontâneas e ocasionais de violência coletiva.